

Olhares Sobre Gilberto Freyre

Ernesto Pimentel Filho*

Um crítico da cultura brasileira, ou pelo menos do que se define muitas vezes como tal, afirmou numa interpretação um tanto passada, porém marcante¹ que os estudos em torno de Gilberto Freyre estiveram durante bom tempo na oscilação entre a “louvação ingênua e duvidosa” ou a “destruição apressada e juvenil”. Podemos dizer que esse mesmo crítico, que se baseou em Dante Moreira Leite e Antônio Cândido, também não foi dos mais misericordiosos com o autor que doravante discutiremos. Se assim for, estamos em trilhas tão perigosas como tentadoras e o fogo cruzado ainda não cessou. De antemão, portanto, atenuo o peso dos possíveis deslizes ao tentar empreender uma tarefa que não se demonstra de fácil intento.

O Gilberto Freyre, ele mesmo, não contribuiu para esclarecer sua própria obra, querendo antes confundi-la à sua personalidade excessivamente vaidosa e egocêntrica. Chegava a enunciar sem reservas a própria genialidade. Foi pueril, necessitando de babados, prêmios, frases de elogio desmedido².

* Professor do Departamento de História da UFPB /Mestre em História (UFPE)

¹ Vide Carlos Guilherme Mota em **Ideologia da Cultura brasileira: 1933-1974**. 4ªed. São Paulo: Ática, 1980, p.54

² Embora a vaidade gilbertiana seja conhecida de todos, segue um trecho da entrevista concedida a Geneton M. Neto:

Quem é o outro gênio brasileiro exceto Gilberto Freyre?

Freyre: bem, acho que o Aleijadinho... (Faz cara de riso)

E dos contemporâneos, existe algum?

Freyre: De um quase contemporâneo, sem dúvida: Villa-Lobos.

Dos contemporâneos, nenhum?

Freyre: “Acho que não”.

Vide Anthony Burgess et all. **Cartas ao Planeta Brasil: entrevistas a Geneton Moraes Neto**. Rio de Janeiro: Revan, 1988, p.92.

Aqui porém, não jogarei foco sobre a personalidade de Gilberto Freyre. Não parece caminho dos mais férteis.

Mesmo retirando da cena a vaidade gilbertiana, não passo a estar mais seguro ou mais próximo de nosso autor. Na verdade, particularmente, estive sempre distante do já tão louvado Mestre de Apipucos. Explico melhor por qual motivo. Basicamente são dois: um que diz respeito à postura ideológica e política de Gilberto Freyre e o outro é algo relativo a uma desconfiança, que já outros ressaltaram, quanto à universalidade geográfica das características culturais arroladas pelo mesmo e imputadas ao Brasil como um todo³.

Durante um bom tempo, movidos por um espírito de crítica ideológica, nossos professores não souberam ir além da visão oferecida por Carlos Guilherme Mota no livro **Ideologia da Cultura Brasileira**, em que Freyre aparece junto a Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, mas “desafinando o coreto” na medida em que tinha na bagagem um conjunto de definições vagas ou mesmo sem sentido e ainda era o arauto político-ideológico da extrema direita brasileira⁴.

No que diz respeito ainda a questões de âmbito ideológico, há a defesa da tal “democracia racial”, um dos maiores desenganos da análise de Gilberto Freyre. Um erro também histórico, sociológico e antropológico.

Tais questões nos afastaram de Gilberto Freyre, ao menos da parcela mais crítica, mais desejava de um intelectual independente das ideologias dominantes. Alguns poderiam encontrar dois Gilbertos e entender mesmo que o primeiro (das produções dos anos trinta) atende a uma altivez, rebeldia inovadora e reviravoltas temáticas da maior importância para

³ Luiz A. de Castro Santos (“O espírito da Aldeia” em: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.º 27, jul de 1990, p. 45-66) faz menção a “grandes painéis interpretativos da época” e Carlos Guilherme Mota (Op. cit.) considera Gilberto Freyre um dos “explicadores do Brasil.”

⁴ Mesmo S.B de Holanda recebe uma ressalva ao cunho crítico de sua obra, já que Guilherme Mota (Op. cit., p.31) o viu como um autor que partilhou, tal Gilberto Freyre, de um “saudosismo aristocrático”.

as Ciências Sociais. É possível. Entretanto, o que mais marcou foi o conjunto de equívocos paquidérmicos, os quais compuseram as últimas décadas do intelectual como pessoa pública e escritor. Freyre não figurou no horizonte da intelectualidade de esquerda, nas conversas extra sala-de-aula de minha geração. Acho que as análises de Carlos Guilherme Mota foram decisivas nesse processo e chegaram a ser tidas não somente como válidas, mas como suficientes⁵.

Por outro lado, estou distante da obra gilbertiana por um conjunto de características culturais nela inventariadas e que tentam dar conta de uma visão antropológica do Brasil, mas que em realidade mitificam uma suposta formação brasileira. É verdade que essas características globalizantes não pertencem somente a Gilberto Freyre. Elas fazem parte de uma necessidade ensaística dos anos trinta: abranger panoramas, traçar linhas gerais de desenvolvimento histórico, chegar às raízes de nossa cultura. Mas mesmo à época houve mais de um a questionar a amplitude do cenário, a duvidar das largas conclusões. Em **Sobrados e Mocambos**, temos a réplica do autor a Fernand Braudel, “para quem nosso estudo seria válido apenas para uma região brasileira”⁶. Palmeiras imperiais, mangueiras e jaqueiras, símbolos das residências rurais opulentas e dos casarões urbanos. A cana-de-açúcar, a vida rústica, cidades de exuberância arquitetônica entre outros símbolos patriarcais. Existiram para todo nordeste brasileiro? Constituem a realidade brasileira? Essa expressão tão em voga no discurso da época, dos intelectuais contemporâneos a

⁵ Embora Carlos G. Mota explicito o desejo de uma análise equilibrada da obra gilbertiana, procura por todos os flancos negar o que existe de positivo em Gilberto Freyre. Seu argumento básico está no caráter ideológico legitimador da classe dominante que traz a obra, o que nos deixa impressão de que Gilberto Freyre não teria sido mais que um refugio da ideologia patriarcal-estamental. Mesmo as renovações metodológicas que José Honório Rodrigues apontou ao nível de inúmeras sendas abertas por Freyre rumo a novas fontes, estão contestadas: “o recurso a fontes documentais da esfera popular, não permite dizer que o produto final seja popular.”(Op.cit., p.68.)

⁶ Vide **Sobrados e Mocambos**. 6ª ed. Rio: José Olympio; Recife: Câmara dos Deputados: Gov. do Estado de Pernambuco, vol.I, 1981.

Freyre(...) Patriarcalismo é uma palavra que, enunciada por Freyre, torna-se abrangente; é onde houve o domínio português, é mais a evocação quase mágica de uma mentalidade que teve existência nos nossos séculos passados e que nos levou marcos - as resistências culturais - do que uma realidade mensurável rigorosamente. Ainda assim, não existe mentalidade no singular. O historiador as tem apreendido (após uma série de contribuições recentes nesse campo) como universo antropológico fluido, ambíguo. Mais do que ninguém, Freyre sabia disso. Esmerou-se no repassar das nuances e variações do mesmo tema ou fato da cultura. Não deixou, porém, de cometer a fagocitose do Brasil pelo Recife e o Rio de Janeiro, com inferências à Bahia e São Paulo. Talvez isso resultasse de uma necessidade política ou fosse o fruto de uma " vaidade de pernambucano "...

Essas limitações da obra gilbertiana não negam sua riqueza. Cada vez mais se têm descoberto leituras possíveis e férteis. As mudanças ocorridas nesses últimos anos na historiografia com a grande valorização do *olhar antropológico* que invadiu as mais diversas disciplinas de humanas e aplicou-se a objetos de estudo tipicamente históricos, revelam com mais ênfase a importância das análises gilbertianas.

A *Nouvelle Histoire* redescobriu as fontes, ampliou-se, deu novo tratamento. Gilberto Freyre criou suas fontes, empreendeu uma " antenova História Social do Brasil " ⁷.

Buscou o mundo das ações e sentimentos humanos no cotidiano de todos os homens: " O assunto básico da sociologia gilbertiana é o conhecimento do senso comum da vida cotidiana, buscando o modo através do qual o homem organiza suas experiências, dia-a-dia, como formas de viver e perceber o social " ⁸.

⁷ Vide Cecília Maria Westphalen, " Lições de Gilberto Freyre aos historiadores. " em: *Ciência e Trópico*. Recife: vol 15, nº 2, jul/dez, 1987, pp.225-230.

⁸ Vide Elide R.Bastos, " Gilberto Freyre: a sociologia como sistema " em *Ciência e Trópico*. Op. cit., p.62.

Intentou um tipo de sociologia interdisciplinar profundamente perspicaz no trato do simbólico: “É a busca de um instrumento que lhe permita participar de vida simbólicas onde se encarnem de modo mais típico as idealizações de uma época ou de uma cultura: o mito. Trabalhar com o **mito** significa para ele ultrapassar o nível apenas racional e objetivo e alcançar as dimensões subjetivas da análise”⁹.

A dimensão de sua obra pode ser atualizada como fonte de inspiração de novas sociologias e, quem sabe, novas histórias. Esse ideólogo que viamos como um defensor do regime autoritário, parece-nos agora um intelectual de grande contribuição às Ciências Sociais, malgrado suas posturas políticas. Um inovador genial durante a década de trinta, malgrado a sua segunda fase. Uma lição insuperável no desbravar de uma documentação criada, inteiramente nova, que jogava para o alto o documento oficial, malgrado as suas grandes teses já superadas. Um grande escritor, malgrado sua vaidade abusiva.

Um tanto nesse sentido, escreveu Luiz Antonio de Castro Santos: “Gilberto Freyre nunca erra ou distorce um pouco: quando tropeça, estatela-se. Quando avança, provoca uma guinada nas idéias de seu tempo”¹⁰.

⁹ Vide nota anterior

¹⁰ Op. cit., p.47.